



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA FRANCISCO
AOS PARTICIPANTES NO CAPÍTULO GERAL
DA ORDEM DE SANTO AGOSTINHO (AGOSTINIANOS)**

Sala Clementina

Sexta-feira, 13 de setembro de 2019

[Multimídia]

Queridos irmãos!

Dou as boas-vindas a todos vós reunidos em Roma para o Capítulo Geral e agradeço ao Prior-Geral as suas palavras.

Neste Capítulo propusestes-vos enfrentar os desafios mais importantes do momento, à luz da Palavra de Deus, do Magistério da Igreja e do grande Padre Agostinho.

Sabeis bem que as comunidades de pessoas consagradas são lugares nos quais se pretende viver a experiência de Deus a partir de uma forte interioridade e em comunhão com os nossos irmãos. Este é o primeiro desafio fundamental que as pessoas consagradas enfrentam e que hoje desejo confiar-vos em particular: fazer juntos a experiência de Deus para poder *mostrar Deus* a este mundo de modo claro, corajoso, sem concessões nem hesitações. É uma grande responsabilidade!

Recordo as palavras de São Paulo VI na maravilhosa Exortação *Evangelica testificatio*: «A tradição da Igreja, porventura será necessário recordá-lo?, oferece-nos, desde as origens, este testemunho privilegiado, de uma busca constante de Deus, de um amor único e indiviso para com Cristo e de uma dedicação absoluta ao crescimento do seu Reino. Sem este sinal concreto, a *caridade* que anima a Igreja inteira correria o risco de arrefecer, o paradoxo salvífico do

Evangelho de atenuar-se e o “sal” da fé de diluir-se num mundo em fase de secularização» (n. 3). Naquela época estava em fase de secularização, hoje está totalmente secularizada.

Vós, agostinianos, fostes chamados a testemunhar aquela caridade calorosa, viva, visível, contagiosa da Igreja, através de uma vida comunitária que manifesta claramente a presença do Ressuscitado e do seu Espírito. A unidade na caridade — como bem explicam as vossas Constituições — é um ponto central da experiência e da espiritualidade de santo Agostinho e um fundamento de toda a vida agostiniana. Nesta perspectiva, na Exortação Apostólica *Gaudete et exsultate* quis recordar aquele «sublime encontro espiritual que viveram juntos Santo Agostinho e sua mãe Santa Mónica» (n. 142): um momento em que as suas almas se fundiram na intuição da Sabedoria divina. Sempre o relemos com emoção na memória litúrgica de Santa Mónica. Aquele desejo da santa que no final obteve o que procurava, e ainda mais. Esse «cumulatus hoc mihi Deus meus prestitit» (S. Agostinho, *Conf.*, IX, 11). Isto deve encorajar-nos a ir em frente.

«Contudo — acrescentei imediatamente — estas experiências não são o mais frequente, nem o mais importante. A vida comunitária [...] compõe-se de tantos pequenos detalhes diários [...]. A comunidade, que guarda os pequenos detalhes do amor e na qual os membros cuidam uns dos outros e formam um espaço aberto e evangelizador, é lugar da presença do Ressuscitado que a vai santificando segundo o projeto do Pai» (*ibid.*, 143.145).

Certamente, manter viva esta chama de caridade fraterna não será possível sem aquele “*in Deum*” da vossa Regra: «Primum, propter quod in unum estis congregati, ut unanimes habitetis in domo et sit vobis anima una et cor unum *in Deum*?» (n. 3). Isto é, *inclines para Deus*. Este acréscimo à expressão dos Atos dos Apóstolos é próprio de Agostinho, para sublinhar que é o dinamismo profundo das vossas comunidades, a primeira grande fonte da qual brota todo o vosso serviço à Igreja e à humanidade. A *anima una et cor unum* nasce desta Fonte perene: *in Deum*. Os vossos corações sempre inclines para Deus. Sempre! Cada membro da comunidade deve ser orientado, como o primeiro “santo propósito” de cada dia, para a busca de Deus, ou para deixar-se buscar por Deus. Essa “direção” deve ser declarada, confessada, testemunhada entre vós sem falsa modéstia. A busca de Deus não pode ser ofuscada por outros propósitos, por mais generosos e apostólicos que sejam. Porque esse é o teu primeiro apostolado. Nós estamos aqui — deveríeis poder dizer todos os dias uns aos outros — porque estamos a caminho de Deus. E como Deus é Amor, caminhamos para Ele no amor.

Como escreveu o querido Padre Agostinho Trapé: «Segundo a Regra, a caridade não é apenas o fim e o meio da vida religiosa, mas é também o seu centro: da caridade deve proceder-se e a caridade deve ser orientada, com um movimento perpétuo de causalidade circular, cada pensamento, cada afeto, cada atitude, cada ação» (S. Agostino. *La Regola*, Milano 1971, Ancora, p. 137).

Escrevendo a São Jerónimo, Santo Agostinho expressou a sua experiência de comunidade da

seguinte maneira: «Confesso que acho ainda mais natural abandonar-me inteiramente ao afeto de tais pessoas, especialmente quando sou oprimido pelos escândalos do mundo: nos corações delas encontro descanso sem preocupação, convencido de que nele há Deus» (*Cartas* 73, 10). E diante dos escândalos da Igreja ou também dos escândalos da vossa família, a paz encontra-se neste caminho. Voltar a apostar nisto... e os escândalos desaparecem, sozinhos, porque eles mostram que não há outro modo, o caminho é este.

Muitas vezes é bom voltar àquela meditação que Agostinho fez para os seus fiéis, sobre a Primeira Carta de João, onde a Igreja é por ele chamada “*mater charitas*”, uma mãe que chora pela divisão dos filhos e chama continuamente à *unidade da caridade*: «Se queres saber se recebeste o Espírito, interroga o teu coração, para não correres o risco de ter o sacramento mas não o efeito dele. Questiona o teu coração e se houver caridade para com o teu irmão, não te preocupes. Não pode haver amor sem o Espírito de Deus, porque Paulo brada: “O amor de Deus foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado”. (*Rm* 5, 5)» (*ibid.*, VI, 10).

As vossas Constituições recordam esta caridade fraterna como “sinal profético”, e a sua admoestação é sábia quando diz: «Não poderemos realizar tudo isto se não carregarmos a nossa cruz diária por amor de Cristo, com humildade e mansidão». A cruz é a medida do amor, sempre. É verdade que se pode amar sem cruz, quando não há cruz, mas quando há cruz, o modo como eu tomo a cruz é a medida do amor. É assim.

Voltemos à meditação agostiniana para ouvir dele, pai e guia, qual é, afinal, a *via charitatis*: «O Senhor diz: “Dou-vos um mandamento novo, que vos ameis uns aos outros”. (*Jo* 13, 34). Mas qual é a perfeição do amor? É também amar os inimigos e amá-los para que se tornem irmãos [...]. Assim amou aquele que, pendurado na cruz, disse: “Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem” (*Lc* 23, 34) [...]. Quando foi pregado na cruz, caminhou precisamente por este caminho, que é o *caminho da caridade*» (*ibid.*, I, 9).

Queridos irmãos, este é também para vós hoje o desafio e a responsabilidade: viver nas vossas comunidades de modo a fazer juntos a experiência de Deus e poder mostrá-lo vivo ao mundo! A experiência do Senhor, como Ele é, como Ele nos procura todos os dias. Que Maria, Mãe de Jesus e figura luminosa da Igreja, vos acompanhe e vos proteja sempre. Abençoo-vos de coração e peço-vos, por favor, que rezeis por mim. Obrigado.